

ORIGINAL ARTICLE

# Os problemas no ensino e na aprendizagem dos tempos passados do modo indicativo da língua portuguesa: o caso dos alunos polacos

Joanna Drzazgowska 

Instituto da Filologia Românica da Faculdade de Filologia na Universidade de Gdańsk, Gdańsk, Polónia.

## RESUMO

No artigo, pretende-se indicar alguns problemas no ensino e na aprendizagem dos tempos passados portugueses no caso dos alunos polacos. Em primeiro lugar, no estudo, apresentar-se-ão algumas questões relacionadas com a categoria de tempo e a categoria de aspeto na língua polaca e na língua portuguesa. Destacar-se-ão as diferenças básicas nos dois sistemas que podem dificultar o processo da aquisição dos tempos passados portugueses pelos estudantes polacos. Simultaneamente, analisar-se-ão algumas gramáticas e manuais de Português Língua Estrangeira publicados em Portugal. O objetivo da análise mencionada será verificar se a matéria relativa aos tempos passados permite aos alunos sistematizarem as informações referentes aos tempos passados portugueses.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tempos passados; Ensino de Português Língua Estrangeira; Didática.

## *Problems in teaching and learning of past tenses in Portuguese language – the case of Polish students*

### ABSTRACT

The aim of this paper is to demonstrate certain problems occurring in teaching and learning past tenses in Portuguese by Polish students. The study will present primarily some questions related to the category of tense and category of aspect in the Polish and Portuguese languages. The basic differences between both systems, which make the acquisition of the Portuguese past tenses by Polish students difficult, will also be underlined. At the same time, the analysis of some of the grammars and books for learning Portuguese as Foreign Language will be conducted. The aim of the analysis will be to verify if the material regarding the past tenses allows the students to systematize their knowledge on the topic.

**KEYWORDS:** past tenses; teaching Portuguese as a Foreign Language; didactics.

### Corresponding Author:

JOANNA DRZAZGOWSKA  
<juanna@poczta.onet.pl>



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International license, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original publication is properly cited.  
<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

## INTRODUÇÃO

O presente artigo visa apresentar alguns problemas que existem no âmbito do ensino e da aprendizagem dos tempos passados da língua portuguesa no caso dos alunos polacos. Por um lado, tentar-se-á mostrar que os problemas mencionados resultam das diferenças existentes no sistema de tempos passados do português e polaco e, por outro lado, verificar-se-á se os manuais de Português Língua Estrangeira fornecem as informações suficientes para a compreensão do assunto em causa.

### 1. DIFERENÇA NO SISTEMA DE TEMPOS PASSADOS NA LÍNGUA PORTUGUESA E NA LÍNGUA POLACA

A diferença básica entre o sistema de tempos passados no português e no polaco baseia-se, à primeira vista, no número de tempos passados que os falantes têm ao seu dispor. No português, existem quatro tempos passados do modo indicativo, ou seja, Pretérito Perfeito Simples, Pretérito Perfeito Composto, Pretérito Imperfeito e Pretérito Mais-que-Perfeito Composto/Simples, e, no polaco, há somente um tempo passado. No entanto, as dificuldades dos alunos polacos na aprendizagem dos tempos passados na língua portuguesa não se limitam a esta questão.

Temos de sublinhar que os estudos da categoria de tempo cruzam-se com os da categoria de aspeto. Conforme Bernard Comrie (1976), o aspeto é uma categoria gramatical que permite abordar de maneiras diferentes a constituição temporal interna da situação analisada. Desta forma, o tempo localiza a situação no tempo exterior e o aspeto especifica a estrutura temporal interna da situação analisada. Segundo Comrie, o perfectivo observa a situação expressa pelo predicado do exterior e descreve-a como um todo. O imperfectivo observa essa situação do seu interior e descreve a sua estrutura interna ou salienta as fases distintas do seu desenvolvimento.

Hlibowicka-Węglarz (1998, p. 99), na hora de analisar as particularidades aspetuais dos tempos passados na língua portuguesa, chega à conclusão que a oposição aspetual básica em português está constituída pela oposição entre o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Imperfeito. Na língua polaca, por seu turno, as diferenças aspetuais baseiam-se nos pares dos verbos. Ou seja, quase todos os verbos, em todas as suas formas temporais e modais, podem ser perfectivos ou imperfectivos. Na língua polaca, existem 5 tipos de pares morfológicos em que se realizam as oposições aspetuais já no infinitivo (Hlibowicka-Węglarz, 1998, pp. 176-179): pares formados através da sufixação (p. ex. *rzucić* (lançar) – sufixo *-ić* introduz o valor perfectivo e *rzucać* – o sufixo *-ać* introduz o valor imperfectivo); prefixação (p. ex. *pić* (beber) – verbo imperfectivo e *wypić* – o prefixo *wy-* introduz o valor perfectivo); sufixo *-nąć* (p. ex. *krzyczeć* (gritar) – verbo imperfectivo e *krzyknąć* – verbo perfectivo); prefixo *po-* (p. ex. *wypisywać* (p. ex. gastar (canetas) – verbo imperfectivo e *powypisywać* – verbo perfectivo); formas supletivas (lexemas diferentes) (p. ex. *mówić* (falar) – verbo imperfectivo e *powiedzieć* (dizer) – verbo perfectivo). Vejam-se os exemplos para ilustrarmos o problema em causa:

- (1a) On pił kawę.  
 (1b) Ele bebia um café.  
 (2a) On wypił kawę.  
 (2b) Ele bebeu um café.

Em (1a) aparece o verbo *pić* na forma do tempo passado, que exprime uma ação imperfectiva. Em (1b), para obtermos o mesmo valor na língua portuguesa, foi utilizada a forma do verbo *beber* no Pretérito Imperfeito. Para exprimir o valor perfectivo, em (2a) foi empregada a forma do verbo perfectivo *wypić* e, em (2b), o verbo *beber* no Pretérito Perfeito Simples. Em polaco, o morfema gramatical referente ao tempo é igual em (1a) e (2b) (-ł), e é o prefixo *wy-* que introduz o valor do aspeto perfectivo (2a). Em português, por seu turno, são os diferentes gramemas dos tempos passados que traduzem a noção da imperfectividade (*-ia*, em (1b)) e da perfectividade (*-eu*, em (2b)).

De modo geral, poder-se-ia supor que as formas imperfectivas polacas equivalem ao Pretérito Imperfeito, e as formas perfectivas ao Pretérito Perfeito Simples. No entanto, a questão é mais complexa e multidimensional devido ao facto de que, em polaco, existem verbos imperfectivos que exprimem a perfectividade. Vejamos mais um exemplo:

- (3a) Widziałem go wczoraj.  
 (3b) Zobaczyłam go wczoraj.  
 (3c) Vi-o ontem.

Em (3a), foi utilizada a forma do tempo passado do verbo imperfectivo *widzieć*, e, em (3b), a forma do verbo perfectivo *zobaczyć*. Ambas as frases exprimem o valor aspetual perfectivo e equivalem à frase portuguesa (3c).

Como tentámos mostrar acima, de forma breve e pouco detalhada, o problema principal no ensino e na aprendizagem dos tempos passados pelos alunos polacos reside no facto de que os sistemas de tempo e de aspeto no polaco e no português não são isomorfos.

## 2. ANÁLISE DOS VALORES DE TEMPOS PASSADOS APRESENTADOS NOS MANUAIS DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

Passemos agora à análise das gramáticas e dos manuais de Português Língua Estrangeira. O nosso objetivo foi o de encontrar as informações referentes aos valores dos tempos passados e verificar se podem ser consideradas úteis desde de ponto de vista da didática de Português Língua Estrangeira.

Em primeiro lugar, vejamos o que as fontes mencionadas dizem em relação ao valor do Pretérito Perfeito Simples. Segundo os manuais, o Pretérito Perfeito Simples indica os seguintes tipos de ações:

- **totalmente realizadas** (Melo Rosa, 2011, p. 77);
- **concluídas** (Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006, p. 146; Duarte, 2016, p. 40);
- **pontuais** (Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006, pp. 109 e 146; Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 184; Tavares, 2012, p. 14);
- **perfeitais** (Duarte, 2016, p. 40);
- **limitadas no tempo** (Avelar, Marques Dias, 1995, p. 24).

Como podemos observar, os autores descrevem as situações expressas pelo Pretérito Perfeito Simples como, entre outros, “totalmente realizadas” ou “concluídas”. Na nossa opinião, essa explicação é compreensível e, mesmo sem a ajuda do professor, permite os alunos terem uma ideia relativa ao valor do Pretérito Perfeito Simples. A expressão “pontuais” parece mais problemática. É um dos conceitos utilizados na descrição das oposições aspetuais (pontual *vs.* durativo) e, portanto, a pontualidade seria melhor compreendida quando comparada com a duratividade. A designação “perfeitas”, por seu turno, parece bastante enigmática, e “limitadas no tempo” pouco precisa.

No entanto, visto que o Pretérito Perfeito Simples não é um tempo tão unidimensional e, na realidade, exprime um leque de valores, a descrição limitada a um adjetivo parece insuficiente e bastante simplificada.

É preciso sublinharmos que algumas fontes, mesmo que apresentem as formas do Pretérito Perfeito Simples, mostrem os exemplos do uso e contenham os exercícios, não apresentam nenhuma teoria relativa ao valor do Pretérito Perfeito Simples (Coimbra Leite, Mata Coimbra, 1989; Avelar *et al.*, 1993; Coimbra, Mata Coimbra, 2011).

Além dos valores do Pretérito Perfeito Simples, alguns autores enumeram os advérbios e as locuções adverbiais que podem acompanhar as formas verbais (Avelar *et al.*, 1993; Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006; Bayan Ferreira, Bayan, 2011). Os outros autores apenas apresentam os adverbiais na exemplificação da teoria ou no conteúdo dos exercícios. Por outro lado, são apresentadas quer as classes de advérbios quer os advérbios com determinantes mais precisos. Vejam-se os dados recolhidos:

- **ainda agora/mesmo agora** (Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 184);
- **hoje de manhã** (Tavares, 2012, p. 136);
- **ontem (de manhã/à tarde/à noite)** (Avelar *et al.*, 1993, p. 55; Ballmann, Coelho, 2006, pp. 112 e 148; Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 186; Coimbra, Mata Coimbra, 2011, pp. 28-33; Tavares, 2012, p. 136);
- **anteontem** (Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 186; Tavares, 2012, p. 136);
- **no fim de semana passado; no domingo passado, na semana passada, no ano passado** (Avelar *et al.*, 1993, p. 55; Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006, pp. 112 e 148; Coimbra, Mata Coimbra, 2011, pp. 28-33; Tavares, 2012, p. 136);
- **no sábado de manhã/à tarde/à noite; no domingo** (Coimbra, Mata Coimbra, 2011, pp. 28-33);
- **há uma semana; há quinze dias/duas semanas; há três meses/seis meses; há dois anos; há muito/pouco tempo; há bocado/bocadinho** (Avelar *et al.*, 1993, pp. 55; Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006, pp. 112 e 148; Tavares, 2012, p. 136);
- **já** (Avelar *et al.*, 1993, p. 54; Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006, p. 109; Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 188; Tavares, 2012, pp. 134 e 166);
- **nunca** (Avelar *et al.*, 1993, p. 54; Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006, p. 109; Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 188; Tavares, 2012, pp. 134 e 166);
- **ainda não** (Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006, p. 109; Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 188; Tavares, 2012, pp. 134 e 166);
- **no passado** (Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 184);
- **no dia...** (Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 184);

- **em 1974** (Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 184);
- **muitas vezes, várias vezes, algumas vezes** (Avelar *et al.*, 1993, p. 54).

Observam-se tanto as locuções referentes ao passado remoto como ao passado próximo. Simultaneamente, aparecem nem somente os advérbios pontuais, mas também durativos. Neste contexto, chamam a nossa atenção os advérbios iterativos que, de forma significativa, influenciam o valor do Pretérito Perfeito Simples. Infelizmente, essa observação não ficou incluída na teoria. Além disso, vale a pena mencionar neste momento que o Pretérito Perfeito Simples serve nem somente para exprimir ações realizadas, mas, também, aquelas que nunca foram realizadas ou experimentadas. Os indicadores de tal situações são os advérbios *nunca* e *ainda não*.

No que diz respeito ao Pretérito Imperfeito, a teoria relativa ao seu uso é muito mais pormenorizada do que a do Pretérito Perfeito Simples. Outra diferença observada é a presença do conceito de aspeto na análise do valor do Pretérito Imperfeito. De acordo com Oliveira e Coelho (2007, p. 13), o Pretérito Imperfeito exprime o aspeto durativo e o aspeto frequentativo. É bastante surpreendente o facto de os autores terem distinguido o aspeto frequentativo fora do aspeto durativo e não como um tipo dele. Outros autores, como mostraremos abaixo, enumeram diferentes valores aspetuais do Pretérito Imperfeito sem se referirem diretamente à noção de aspeto e indicam, além do valor iterativo, o valor habitual. Simultaneamente, apontam que são as ações realizadas, mas não concluídas. Neste âmbito, vejamos as informações encontradas:

- **ações realizadas**, mas **não concluídas** (valor durativo) (Melo Rosa, 2011, p. 89);
- **ações repetidas** (Avelar, Marques Dias, 1995, p. 24; Bayan Ferreira, Bayan, 2011, pp. 197 e 211; Melo Rosa, 2011, p. 89);
- **ações frequentativas** (Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006, p. 148);
- **ações habituais e repetidas** (Coimbra, Mata Coimbra, 1997, p. 23; Mata Coimbra, 2011, p. 36; Melo Rosa, 2011, p. 89);
- **ações habituais** (Avelar, Marques Dias, 1995, p. 24; Oliveira, Ballmann, Coelho 2006, pp. 136 e 148; Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 211; Melo Rosa, 2011, p. 89; Tavares, 2012, p. 194; Tavares, 2013, p. 20; Duarte, 2016, p. 40);
- **ações habituais** que se opõem ao presente (Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006, p. 149; Oliveira, Coelho, 2007, p. 13);
- **continuidade e duração** (Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 36); factos passados, **contínuos** ou **permanentes** (Melo Rosa, 2011, p. 89).

Além dos valores já indicados, alguns autores sublinham o valor descritivo e narrativo do Pretérito Imperfeito. Neste contexto, o Pretérito Imperfeito serve para:

- **descrever** ou **narrar** acontecimentos passados (Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 36);
- **descrever** ou **narrar** acontecimentos que decorreram no passado, expressando **continuidade** e **duração** (Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 211);
- **descrições** no passado (Oliveira, Coelho, 2007, p. 35; Duarte, 2016, p. 40);
- **recordações** de uma época passada (Melo Rosa, 2011, p. 89);

- **memórias** de tempos passados (Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006, p. 149);
- exprimir valor **narrativo** (Avelar, Marques Dias, 1995, p. 24).

O Pretérito Imperfeito é também o tempo para exprimir a **idade** e as **horas** no passado (Coimbra, Mata Coimbra, 1997, p. 30; Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006, p. 135; Oliveira, Coelho, 2007, p. 13; Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 211; Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 40; Tavares, 2013, p. 20).

Outra questão analisada, no que se refere ao Pretérito Imperfeito, são os valores temporais das orações compostas. Neste âmbito, são apresentadas as orações temporais com a conjunção *enquanto* que, graças aos verbos no Pretérito Imperfeito, servem para exprimir duas ações **simultâneas** (Coimbra, Mata Coimbra, 1997, p. 31; Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 40) ou ações **simultâneas** e **durativas** (Oliveira, Coelho, 2007, p. 35).

Temos que apontar que, além da teoria, alguns usos do Pretérito Imperfeito são exemplificados e mostrados através dos exercícios. Nos manuais, nas unidades dedicadas ao Pretérito Imperfeito, foram observadas as seguintes tarefas para os alunos praticarem nem somente o Pretérito Imperfeito (ações habituais do passado), mas também o vocabulário: *Quando era criança..., mas agora...* (Ballmann, Coelho, 2006, p. 136; Tavares, 2012, p. 188); *O que faziam quando eram crianças?* (Tavares, 2011, pp. 189 e 191), *Há muito tempo que...* (Avelar *et al.*, 1993, p. 71).

Além disso, assim como no caso do Pretérito Perfeito Simples, os autores indicam os advérbios que podem aparecer junto das formas verbais em função de complementos circunstanciais:

- **sempre** (Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 36);
- **antigamente** (Avelar *et al.*, 1993, p. 71; Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 136; Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 36; Melo Rosa, 2011, p. 89; Tavares, 2012, pp. 187 e 194);
- **dantes** (Avelar *et al.*, 1993, p. 71; Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006, p. 136; Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 199; Melo Rosa, 2011, p. 89; Tavares, 2012, pp. 187 e 194);
- **em tempos; no meu tempo; naquele tempo; noutros tempos** (Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 199; Melo Rosa, 2011, p. 89);
- **nessa altura; naquela altura** (Avelar *et al.*, 1993, p. 71; Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 199);
- **naquela época** (Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 199; Melo Rosa, 2011, p. 89);
- **antes** (Melo Rosa, 2011, p. 89);
- **no ano passado** (Tavares, 2012, p. 194);
- **todos os dias; todas as semanas; todos os meses** (Melo Rosa, 2011, p. 89).

Os adverbiais, na sua maioria, sublinham diferentes valores do Pretérito Imperfeito, portanto, a lista dos advérbios é compatível com a teoria suprarreferida. Todos os adverbiais apareceram na teoria relativa ao uso do Pretérito Imperfeito, no entanto, às vezes os autores apresentaram uma lista mais completa (Avelar *et al.*, 1993, p. 71; Bayan Ferreira, Bayan, 2011, p. 199; Melo Rosa, 2011, p. 89), ou pouco pormenorizada (Oliveira, Ballmann, Coelho, 2006, p. 136). Vale a pena mencionarmos que alguns dos adverbiais apareceram também na teoria relativa ao Pretérito Perfeito Simples (p. ex.

no ano passado), o que pode sugerir aos alunos que, na língua portuguesa, os advérbios não estão ligados a determinadas formas verbais.

Alguns autores tentam contrastar os valores do Pretérito Imperfeito e do Pretérito Perfeito Simples. Neste sentido, são analisadas orações compostas que apresentam duas ações simultâneas, onde uma (verbo no Pretérito Imperfeito) é interrompida pela outra (verbo no Pretérito Perfeito Simples) (Melo Rosa, 2011, p. 90), ou seja, uma ação estava a acontecer, quando outra ocorreu (Tavares, 2013, p. 20). Coimbra e Mata Coimbra (2011, p. 42), referindo-se à mesma questão, falam da ação pontual expressa pelo Pretérito Perfeito Simples e da ação a decorrer expressa pelo Pretérito Imperfeito. Em Bayan Ferreira e Bayan (2011, p. 212) aparece a mesma distinção, mas as autoras sublinham que a ação pontual é completamente realizada. Oliveira e Coelho (2007, p. 35), por seu turno, falam da “realização prolongada”, e não “a decorrer”. No entanto, em todos os trabalhos, os autores referem-se a mesma oposição.

No que diz respeito ao Pretérito Perfeito Composto os autores do manuais indicam os seguintes valores que pode expressar o tempo em causa:

- ações que **começam**/tiveram início **no passado** e se prolongam/**continuam** até ao momento **presente** (Avelar *et al.*, 1993, p. 97; Coimbra, Mata Coimbra, 1997, p. 72; Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 48; Tavares, 2013, p. 88);
- ação que teve início num momento do passado mas que continua até ao presente e que **ainda não acabou** (Oliveira, Coelho, 2007, p. 63);
- ação **realizada no passado** que **se repete ou que dura até ao presente** (Melo Rosa, 2011, p. 94);
- **repetição** até ao presente (Avelar, Marques Dias, 1995, p. 24);
- ação **constante / repetida no passado recente** (Duarte, 2016, p. 40).

Quase todos os autores falam das ações que começaram no passado e continuam até ao presente, especificando, às vezes, as ações repetitivas ou durativas. Somente em Duarte (2016, p. 40), indica-se uma ação no passado recente sem mencionar a continuação no presente.

Assim como no caso dos tempos passados já analisados, os autores apresentam lista de advérbios que, na maioria dos casos, se referem ao passado próximo incluindo o momento presente.

- **ultimamente** (Avelar *et al.*, 1993, p. 97; Coimbra, Mata Coimbra, 1997, p. 72; Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 48; Melo Rosa, 2011, p. 94; Tavares, 2013, p. 88);
- **nos últimos anos** (Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 48);
- **nos últimos tempos; nestes últimos tempos** (Coimbra, Mata Coimbra, 1997, p. 72; Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 48);
- **este ano, este mês, esta semana** (Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 48; Melo Rosa, 2011, p. 94; Tavares, 2013, p. 88);
- **agora** (Avelar *et al.*, 1993, p. 97);
- **desde que** + verbo no Pretérito Perfeito Simples, verbo no Pretérito Perfeito Composto (Coimbra, Mata Coimbra, 1997, p. 72; Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 48; Tavares, 2013, p. 88).

Somente em um manual (Melo Rosa, 2011, p. 94), os advérbios apareceram na teoria relativa ao uso do Pretérito Perfeito Composto (*ultimamente, nos últimos tempos, este ano, este mês, esta semana*). Nos restantes manuais e gramáticas, encontramos-os na exemplificação. Chama a nossa atenção

o advérbio *agora*, por sugerir uma ação presente. Desta forma, o autor do manual parece sugerir que o Pretérito Perfeito Composto é um certo equivalente do Presente.

Quanto ao Pretérito Mais-que-Perfeito Composto, visto que não apresenta uma grande variedade de valores, as informações são escassas:

- **ação passada anterior a outra ação passada** (Avelar *et al.*, 1993, p. 103; Coimbra, Mata Coimbra, 1997, p. 45; Oliveira, Coelho, 2007, p. 47; Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 46; Melo Rosa 2011 p. 97; Tavares, 2013, p. 47; Duarte, 2016, p. 40);
- **passado do passado** (Avelar, Marques Dias, 1995, p. 24; Oliveira, Coelho, 2007, p. 47).

Todos os autores referem-se a um valor do Pretérito Mais-que-Perfeito Composto, ou seja, a uma ação passada que ocorreu antes de outra também passada.

### 3. DIFICULDADES DOS ALUNOS POLACOS NA APRENDIZAGEM DOS TEMPOS PASSADOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Nesta secção, depois de termos analisado os manuais e as gramáticas, queríamos apresentar algumas dificuldades que, segundo o nosso parecer, podem surgir nas aulas de Português Língua Estrangeira no âmbito do ensino dos tempos passados. Os problemas em causa estão relacionados com as divergências no sistema de tempo e aspeto no português e polaco e, também, com as seguintes faltas observadas nos manuais e gramáticas de Português Língua Estrangeira<sup>1</sup>:

- escassas informações acerca dos valores de alguns tempos passados na língua portuguesa;
- informações pouco precisas, até ambíguas;
- simplificação de alguns problemas o que provoca uma desinformação;
- divergências entre a teoria e a parte prática (exercícios) no conteúdo dos manuais.

Passemos agora a apresentar alguns obstáculos observados. A primeira questão que merece a nossa atenção é a distinção, já acima mencionada, das ações pontuais (Pretérito Perfeito Simples) e as ações a decorrer (Pretérito Imperfeito). Esta distinção aparece, entre outros, em Coimbra e Mata Coimbra (2011, p. 42). No entanto, na exemplificação, para mostrarem a ação a decorrer, as autoras apresentam as frases não com os verbos no Pretérito Imperfeito, o que apresentaram na teoria, mas as construções perifrásticas com o verbo auxiliar no imperfeito:

- (4) A Inês estava a ler, quando o telefone tocou. (Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 42)

A pergunta, que parece natural neste contexto, é: qual foi a razão de as autoras, em vez de colocarem o verbo *ler* no imperfeito, como tinham

<sup>1</sup> O nosso objetivo não é a crítica dos autores e dos manuais de Português Língua Estrangeira. A nossa intenção é apenas mostrar que a análise dos tempos passados não é muito pormenorizada nas fontes referidas e que os tempos em causa, devido à sua complexidade que tentaremos mostrar, merecem um estudo mais detalhado.

indicado na teoria, aproveitarem a construção perifrástica de aspeto *estar a + infinitivo* com o verbo *estar* no imperfeito? Ou seja, é impossível ou incorreta a frase abaixo?

(5) ?A Inês lia, quando o telefone tocou.

O manual não contém nenhuma explicação acerca da equivalência (?) de *estava a ler* e *lia* neste contexto. Portanto, ocorre aqui uma confusão entre o valor temporal de um tempo gramatical, neste caso Pretérito Imperfeito, e o valor aspetual de uma construção perifrástica, neste caso *estar a + infinitivo*. Na frase (4) estas duas questões entrelaçam-se. Em outro manual, em Bayan Ferreira e Bayan (2011, p. 212), vemos:

(6) Eu e a Ana procurávamos conchas.

(7) Eu e a Ana estávamos a passear na praia.

As duas frases servem de exemplo para esclarecer o valor de uma ação a decorrer no passado e, portanto, podemos supor que são consideradas equivalentes. Infelizmente, falta uma explicação bem clara para que os alunos não tenham dúvidas quanto ao seu valor.

No entanto, temos que sublinhar que a questão mencionada não é tão simples como poderia parecer. Leiria (1991) afirma que é o contexto que influencia o emprego da forma simples ou perifrástica. Contudo, segundo a autora, a forma perifrástica no imperfeito funciona em oposição à forma simples quando se trata de exprimir um processo cursivo único e quando se trata de processo cursivo complexo (iterativo ou habitual), emprega-se a construção simples. Visto que os autores dos manuais mostram os exemplos completamente opostos, provavelmente, não concordam com a opinião de Leiria. Em (8), estamos perante uma situação habitual do passado sublinhada pelos advérbios *dantes* e *sempre*. Em (9), por sua vez, trata-se de um acontecimento único que teve lugar *ontem de manhã*.

(8) **Dantes** o João estava sempre a ler. Agora passa a vida a ver televisão. (Melo Rosa, 2011, p. 92)

(9) **Ontem de manhã**, enquanto a Ana tomava duche, a irmã fazia as camas. (Coimbra, Mata Coimbra, 2011, p. 40)

Depois de citarmos vários exemplos, surge mais uma dúvida. É possível compararmos duas situações simultâneas utilizando a construção perifrástica com o auxiliar *estar* no imperfeito e nem somente o verbo principal do Pretérito Imperfeito como em (10)? Infelizmente, a questão não é mencionada pelos autores.

(10) ? Enquanto a Ana estava a tomar duche, a irmã estava a fazer as camas.

Outra questão, que carece de análise, é a diferença do valor da construção *estar a + infinitivo* quando o auxiliar ocorre no Pretérito Imperfeito ou no Pretérito Perfeito Simples. O problema está relacionado com tal chamado paradoxo imperfectivo. A construção *estar a + infinitivo* é uma construção

imperfectivizante, no entanto, o verbo *estar* pode ocorrer tanto na forma perfectiva como imperfectiva. Portanto, parece difícil, sem analisar todo o contexto enunciativo, determinar o valor da construção. Oliveira (1992, p. 22) sublinha que todas as retomas de perfeito e progressivo são ocorrências diferentes. Os autores dos manuais não analisam este problema.

Outro tema bastante negligenciado é a análise do valor do Pretérito Mais-que-Perfeito Composto. Embora nenhum dos manuais contenha informação detalhada referente ao uso do Pretérito Mais-que-Perfeito Composto, os autores mostram os exemplos, onde não se trata da expressão de um simples passado do passado, e deixam os seus leitores sem nenhuma explicação. Vejamos as seguintes enunciações:

- (11) **Nunca** me tinha divertido tanto **como hoje**. (Coimbra, Mata Coimbra, 1997, p. 80)
- (12) Garanto-vos que **nunca** tinha tido umas férias **assim!** (Avelar *et al.*, 1993, p. 102)

Em (11) e (12) o ponto de referência não é o passado, mas o presente. Os locutores informam sobre uma experiência nova ou diferente, a qual estão a viver agora, uma situação experimentada pela primeira vez no momento de enunciação.

Passemos à apresentação de outras discrepâncias observadas nos manuais que, no nosso parecer, podem dificultar, nas aulas de Português Língua Estrangeira, a sistematização da matéria relativa aos tempos passados. Em primeiro lugar, queríamos mostrar algumas frases para identificar a função dos adverbiais que aparecem junto das formas verbais. Vejam-se os exemplos:

- (13) **No ano passado**, eu trabalhei com o Paulo Soares. (Melo Rosa, 2011, p. 79)
- (14) **No ano passado**, **sempre que** eles cá vinham ao fim de semana, davam um passeio pelos campos. (Melo Rosa, 2011, p. 91)
- (15) **No ano passado** eu não almoçava **habitualmente** em casa. **Este ano** almoço. (Melo Rosa, 2011, p. 91)
- (16) **No verão passado** a Joana foi todos os dias à praia. (Melo Rosa, 2011, p. 95)
- (17) **No mês passado** a Ana saiu todas as noites. (Melo Rosa, 2011, p. 95)

Em (13) e (14), ocorre o advérbio *no ano passado* que, segundo a teoria apresentada na maioria dos manuais, acompanha o verbo no Pretérito Perfeito Simples. No entanto, em (14) o valor predominante tem *sempre que*, ou seja, o adverbial que indica o valor aspetual frequentativo. A situação apresentada em (15) é bastante semelhante: *no ano passado* sublinha o valor temporal do passado, mas *habitualmente* introduz o valor habitual. Portanto, surpreendem (16) e (17) onde, também, estamos perante as ações habituais no passado indicadas por *todos os dias* e *todas as noites*. O uso do Pretérito Perfeito Simples não encontra nenhuma explicação nem na teoria apresentada no manual de que provém o exemplo, nem nos outros manuais. Como foi acima mencionado, é o Pretérito Imperfeito que serve para exprimir as ações habituais no passado. Desta forma, o uso do Pretérito Perfeito Simples

parece incompatível com os adverbiais de habitualidade. Além disso, todos estes exemplos evidenciam que, na língua portuguesa, os adverbiais não estão estreitamente ligados a determinadas formas verbais, o que não foi sublinhado em nenhum dos manuais.

Mais outro problema foi detetado em Melo Rosa (2011, p. 89), onde lemos que o Pretérito Imperfeito apresenta um facto geral que pode opor-se ao presente. Neste contexto, no mesmo trabalho, observámos os seguintes exemplos:

- (18) **No ano passado**, o Pedro esteve muito doente. **Este ano** anda melhor. (Melo Rosa, 2011, p. 92)
- (19) **No ano passado** eu sentia-me muito melhor aqui do que **agora**. Ainda não percebi porquê. (Melo Rosa, 2011, p. 92)

Os factos passados de *estar doente* (18) e *sentir-se muito melhor* (19) opõem-se às situações presentes (*este ano* (18) e *agora* (19)) e mostram-se como não atuais. A pergunta que se pode fazer é: porque em (18) o verbo ocorre no Pretérito Perfeito Simples e em (19) no Pretérito Imperfeito? Em que consiste a diferença entre as duas situações? É possível que o Pretérito Imperfeito seja substituível, neste contexto, pelo Pretérito Perfeito Simples? Infelizmente, o manual não traz as respostas.

Vejamos outras enunciações que, sem contexto mais vasto, podem ser interpretadas como semelhantes:

- (20) **Hoje de manhã**, o Pedro e a Ana quiseram tomar o pequeno-almoço na cama. (Melo Rosa, 2011, p. 81)
- (21) Agora a Ana quer ir viver para a aldeia. **No ano passado**, queria ir viver para a cidade. (Melo Rosa, 2011, p. 91)

No manual, falta uma explicação da diferença que existe entre a forma perfectiva e imperfectiva do verbo *querer*. Em (20) a ação de *tomar o pequeno-almoço* foi realmente realizada, e em (21) *ir viver para a aldeia* foi somente um desejo, uma vontade que não chegou à sua realização.

## CONCLUSÕES

Gostaríamos de sublinhar, mais uma vez, que o nosso trabalho não visa analisar o sistema de tempos passado da língua portuguesa nem apresenta a categoria de aspeto com todas as suas oposições. O objetivo foi apontar algumas dificuldades que existem no âmbito da didática de Português Língua Estrangeira.

Os problemas detetados referem-se à simplificação das questões relacionadas com os valores aspetuais de diferentes tempos e construções temporais, o que leva a algumas incorreções na teoria apresentada. Desta forma, as gramáticas e os manuais com o subtítulo “utilização na aula e em autoaprendizagem” (p. ex. Coimbra, Mata Coimbra, 2011; Melo Rosa, 2011) não podem funcionar sem a ajuda do professor. Além disso, as soluções dos exercícios apresentadas pelos autores, normalmente, contêm somente uma resposta possível, o que, no contexto bastante limitado, parece insuficiente.

Por outro lado, faltam exercícios para comparar a oposição básica Pretérito Perfeito Simples *vs.* Pretérito Imperfeito, o que, desde de ponto de vista dos alunos polacos, é fundamental. Igualmente, não se compara a construção *estar* (no imperfeito) *a + infinitivo* com a forma imperfetiva do verbo principal que, em muitas situações, são consideradas equivalentes.

Outra questão negligenciada é o problema dos adverbiais. Para os alunos polacos, a língua portuguesa não é a primeira língua estrangeira que aprendem e, portanto, na hora de estudarem o português, aproveitam a sua experiência na aprendizagem de outras línguas. A questão dos adverbiais é bastante importante, visto que, por exemplo, em inglês um advérbio está intimamente ligado a uma forma verbal determinada. Vejamos os exemplos:

(22) **Ultimamente** tenho trabalhado muito.

(23) **Ultimamente** comprei um livro interessante.

Em ambas as enunciações, foi utilizado o advérbio *ultimamente*. No entanto, em (22) trata-se de uma ação que começou no passado e que se prolonga até ao presente, e em (23) estamos perante uma ação única que teve lugar no passado próximo. Deste modo, é possível constatar que, na língua portuguesa, o advérbio não é o indicador do tempo verbal. Vejamos mais outras enunciações:

(24) **Ultimamente** não se pode acreditar no que ele diz: deu em mentiroso. (Coimbra, Mata Coimbra, 2012, p. 66)

(25) **Este mês** nós temos visto a Carla muitas vezes. (Melo Rosa, 2011, p. 96)

Como mostram os exemplos (24) e (25), falta também uma análise contrastiva do Pretérito Perfeito Composto e do Presente. Em ambas as frases foram utilizados os advérbios que aparecem na teoria relativa ao uso do Pretérito Perfeito Composto, no entanto, em (24) o verbo ocorre no tempo presente e em (25) no Pretérito Perfeito Composto. Ao analisarmos as enunciações acima, é possível constatar que o Pretérito Perfeito Composto e Presente são equivalentes/substituíveis em alguns contextos?

No caso do Pretérito Perfeito Composto, parece importante os autores de manuais fazerem uma comparação deste tempo gramatical com o *Present Perfect* da língua inglesa e o *Pretérito Perfecto* da língua espanhola. Os três tempos mencionados diferem entre si, mas, simultaneamente, mostram algumas semelhanças. Portanto, devido ao facto de que o inglês e o espanhol funcionam, frequentemente, no ensino de línguas como L2 e L3, a apresentação contrastiva, no nosso parecer, facilitaria a sistematização da matéria referente ao Pretérito Perfeito Composto e permitiria os alunos evitarem alguns erros no uso do Pretérito Perfeito Composto.

Simultaneamente, para os alunos que já conhecem a língua espanhola, poder-se-ia sugerir a colocação nos manuais algumas observações acerca do uso do Pretérito Perfeito Simples e o *Pretérito Perfecto* com os adverbiais *hoje*, *esta semana*, *nunca* etc.

Outra questão, também já mencionada, e também não analisada, é a predominância do valor de uns adverbiais sobre outros. Nos exemplos

abaixo (26) e (27), mesmo que apareça *no ano passado*, o valor decisivo tem *habitualmente* que introduz o valor habitual do passado (27) e, portanto, especifica o caráter da ação passada.

- (26) No ano passado, eu trabalhei com o Paulo Soares. (Melo Rosa, 2011, p. 79)
- (27) No ano passado eu não almoçava **habitualmente** em casa. Este ano almoço. (Melo Rosa, 2011, p. 91)

Para acabar as nossas considerações, vale a pena mencionarmos que os tempos passados são analisados, com uma exceção, nos manuais e gramáticas A1 – B1, então nos primeiros níveis do processo de aquisição da língua portuguesa. Desde de ponto de vista de desenvolvimento contínuo das competências dos estudantes, seria útil voltar ao assunto também no nível B2 e, até, C1.

No presente artigo esperamos evidenciar a necessidade de desenvolver os estudos dedicados aos tempos passados e suscitar o interesse dos didáticos e autores dos manuais pelas questões mencionadas.

## REFERÊNCIAS

- Avelar, A., Dias, H. B. M., Grosso, M. J., & Meira, M. J. (1993). *Lusofonia: Curso básico de Português língua estrangeira*. Lisboa: Lidel.
- Avelar, A. & Dias, H. M. (1995). *Lusofonia curso avançado de Português língua estrangeira*. Lisboa: Lidel.
- Bayan Ferreira, A. M. & Bayan, H. J. (2011). *Na onda do Português 1*. Lisboa: Lidel.
- Coimbra, I. & Coimbra, O. M. (1997). *Português sem fronteiras 2*. Lisboa: Lidel.
- Coimbra, I. & Coimbra, O. M. (2011). *Gramática ativa 1*. Lisboa: Lidel.
- Coimbra Leite, I. & Coimbra, O. M. (1989). *Português sem fronteiras 1*. Lisboa: Lidel.
- Comrie, B. (1976). *Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: CUP.
- Duarte, G. (2016). *Histórias de bolso*. Lisboa: Lidel.
- Hlibowicka-Węglarz, B. (1998). *Processos de expressão do aspecto na língua portuguesa*. Lublin: Wydawnictwo Uniwersytetu Marii Curie Skłodowskiej.
- Leiria, I. (1991). *Aquisição por falantes de português-europeu língua não materna dos aspectos verbais expressos pelos Pretéritos Perfeito e Imperfeito* (Dissertação de mestrado). Lisboa: FLUL. <https://doi.org/10.11606/d.8.2011.tde-16052013-114159>
- Melo Rosa, L. (2011). *Vamos lá começar! Explicações e exercícios de gramática, níveis de iniciação e elementar (A1/A2)*. Lisboa: Lidel.
- Oliveira, F. (1992). *Algumas questões sobre tempo e aspecto*. Lisboa: FLUL.
- Oliveira, C., Ballmann, M. J., & Coelho, M. L. (2006). *Aprender Português: Curso inicial de língua Portuguesa para estrangeiros, níveis A1/A2*. Lisboa: Texto Editores.

Oliveira, C. & Coelho, M. L. (2007). *Aprender português 2: Curso elementar de Língua Portuguesa para estrangeiros, nível B1*. Lisboa: Texto Editores.

Tavares, A. (2011). *Português XXI, nível A1*. Lisboa: Lidel.

Tavares, A. (2012). *Português XXI, nível A2*. Lisboa: Lidel.

Submetido: 30/01/2019

Aceito: 24/05/2019

Publicado: 28/06/2019

#### **Autora**

JOANNA DRZAZGOWSKA

Docente, Faculdade de Filologia na Universidade de Gdańsk, Gdańsk, Polónia.

E-mail: [finjd@ug.edu.pl](mailto:finjd@ug.edu.pl)

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4872-9864>

Endereço: Universidade de Gdańsk

1A Bażyńskiego Str.

80-952 Gdańsk, Polónia